

## **O QUE TRAGO NA MOCHILA: NARRATIVAS DE ADOLESCENTES SOBRE O RETORNO PRESENCIAL DAS ATIVIDADES ESCOLARES**

A pandemia por Covid-19 foi vivenciada de forma bem distinta entre os grupos sociais e os indivíduos em geral. Assim, o retorno presencial às atividades escolares aconteceu em meio a sentimentos e expectativas diferenciados pelos agentes educativos. Nesse sentido, numa perspectiva de promover a interação, a integração e a acolhida da comunidade escolar é que surgiu a proposta das rodas de conversa (MELO e CRUZ, 2014; MOURA e LIMA, 2014) entre estudantes e professores, mediadas pela orientadora educacional de uma escola pública municipal. Este método foi escolhido pelo potencial de promover a reflexão acerca de determinada temática de forma coletiva, tornando o diálogo entre os pares um exercício de constante aprendizado.

Cinco rodas de conversa aconteceram na primeira semana de aulas presenciais para os grupos organizados por anos de escolaridade, de 6º ao 9º ano do ensino fundamental. A partir de um roteiro previamente elaborado (que compreendia um vídeo sobre os sentimentos e a pandemia, uma questão provocadora e materiais para a elaboração de cartazes) os participantes dispunham de um espaço aberto para expressarem as percepções sobre as mudanças observadas no mundo, nas suas comunidades e nas próprias vidas com a crise advinda pelo novocoronavírus.

A partir dos registros feitos pelos sujeitos e sistematizados nos cartazes, que foram afixados nos corredores do colégio, percebemos que os grupos manifestaram-se em relação a situações/temáticas que

para eles pareciam relevantes naquele momento. Nessa perspectiva, destaco três, por terem sido recorrentes nas suas narrativas: o impacto emocional, o racismo e as questões de gênero. Alguns estudantes demonstraram o desejo de relatarem os sentimentos, como gratidão, superação, medo, solidariedade e esperança. Ao menos dois estudantes contaram aos colegas que procuraram ajuda especializada no início da pandemia, principalmente por causa dos sentimentos de medo e de ansiedade. A partir desses relatos, outros estudantes sentiram-se impelidos a também expressarem seus sentimentos, seja de forma oral ou por escrito, sendo estes últimos colados no cartaz da turma.

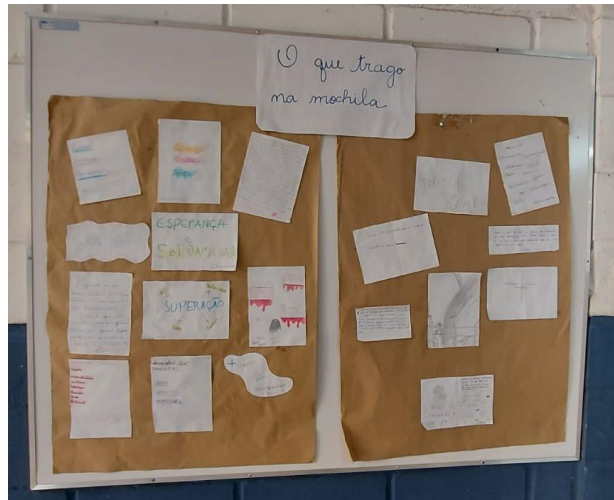
Outros participantes das rodas incluíram pautas sociais, como as relações raciais. Este foi o caso de uma estudante de 9º ano que compartilhou com seus pares o processo de reconhecimento de sua identidade racial/étnica. Maria<sup>1</sup> fez um desenho representando a mudança ocorrida em seu visual e contou aos colegas a importância desta atitude na sua vida. Outras duas participantes de 6º ano incluíram a expressão “Vidas negras importam” ao produzirem seus cartazes. Nossas subjetividades são forjadas em interação com as outras pessoas, e esses dois relatos podem nos ajudar compreender como as relações estabelecidas nos ambientes escolares colaboram para ampliarmos nossas visões de mundo.

As questões de gênero também fizeram parte das conversas, sendo os destaques o protagonismo feminino nas diferentes áreas da sociedade e o respeito, às vezes desrespeito, à orientação sexual das pessoas. Levando em consideração que as rodas foram organizadas para um público de adolescentes, em processo de formação, os grupos tiveram a oportunidade de conversar sobre assuntos normalmente permeados por diferentes ideologias.

Figura 1. Mural da Escola

---

<sup>1</sup> Nome fictício.



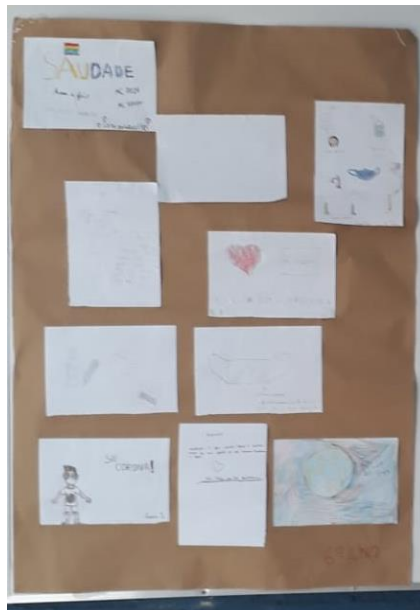
Fonte: Autoria própria.

Figura 2.



Fonte: Autoria própria.

Foto 3.



Fonte: Autoria Própria.

As questões acima constituíram os conteúdos, o currículo realizado, para os debates nas rodas de conversa. Cabe frisar que estas temáticas estão presentes nas diversas esferas sociais e, normalmente, são motivos para confrontos de ideias; por isso, no caso desses debates, ainda que o *espaçotempo* fosse limitado, os diferentes atores tiveram a oportunidade de falar e serem ouvidos. Assim, nas redes de relações tecidas entre os estudantes, os professores e a orientadora os saberes de todos tiveram a oportunidade de serem (re)criados.

Nesse sentido podemos perceber que o *espaçotempo* escolar pode ser democrático e proporcionar acolhimento e abertura aos saberes diversos, fazendo com que essa instituição cumpra sua função social de formar cidadãos conscientes para viverem em uma sociedade multicultural e pluriétnica como a brasileira.

### **Referências:**

MELO, Marcia Cristina Henares de; CRUZ, Gilmar de Carvalho. Roda de conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço

de diálogo no ensino médio. *Imagens da Educação*, v.4, n.2, p. 31-9, 2014

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. *Revista Temas em Educação*, João Pessoa, v.23, n.1, p.98-106, 2014

### **Sobre a autora:**

**Andrea Paula de Souza Waldhelm** - Doutora em Ciências Humanas/Educação (PUC-Rio) e Orientadora Educacional da Prefeitura Municipal de Macaé, Estado do Rio de Janeiro.